A influência do negro na formação brasileira

LUIZ SUCUPIRA

Na última sessão, o nosso ilustre confrade e meu antigo e querido mestre, padre dr. Misael Gomes, leu interessante estudo sôbre o negro no Brasil. Ouvindo-o com a maior atenção e melhor gôsto, veio-me á lembrança uma passagem de Melo Morais Filho, nas "Tradições do Brasil", onde êle conclama os pesquisadores etnográficos para o estudo das levas colonizadoras importadas da Costa d'Africa.

Infelizmente, a não ser nestes últimos anos, muito pouco interêsse despertou aos nossos historiadores o movimento e a influência nos negros no Brasil. Homens como João Ribeiro e Varnhagem apenas afloraram o assunto e o fizeram com dados os menos convincentes possível. E é pena que isso tenha acontecido, pois foram perdidas as melhores oportunidades para um conhecimento mais ou menos perfeito da atuação da raça negra em Terras de Santa Cruz.

Já agora, quando desapareceram as variedades mais interessantes e menos vulgarmente conhecidas, é pesado e até ineficiente o trabalho que se procura levar avante nesse sentido, máxime quando faltam elementos os mais indispensáveis a essa tarefa, no tocante ás estatísticas.

E é doloroso dizer que foi Rui Barbosa quem concorreu para o desaparecimento dos dados relativos á imigração africana, repetindo, em menor escala, o gesto dos muçulmanos ao incendiarem a biblioteca de Alexandria, quando mandou incinerar os documentos em que, porventura, se encontrassem provas da existência da escravidão no Brasil.

Eis os motivos em que se fundou o então secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e presidente do Tribunal do Tesouro Nacional, para expedir a Circular de 14 de dezembro de 1890:

"Considerando que a nação brasileira, pelo mais sublime lance da sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão — a instituição funestíssima que por tantos anos paralizou o desenvolvimento da sociedade, inficionou-lhe a atmosfera moral; considerando que a República está obrigada a destruir êsses vestígios por honra da pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que, pela abolição do elemento servil, entraram na comunhão brasileira; Resolvo: 1.° — Serão requisitados de tôdas as tesourarias de fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativos ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e

libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado na Recebedoria. 2.° — Uma comissão dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá á queima e destruição imediata dêles...".

Com êsse gesto, que, no momento, oferecia oportunidade para os maiores encômios. Rui Barbosa extinguiu as fontes históricas e verdadeiras de um passado que não nos podia envergonhar menos do que se envergonhariam outros grandes povos, a começar pelos Estados Unidos. E, ao invés de concorrer para benefício da raça negra no Brasil, prejudicou muitíssimo o trabalho beneditino dos que precisam conhecer o número e a influência dos africanos em nossa terra e em nossa gente.

Não se recordou a Águia de Haia que as gerações novas não podem responder pelos erros das gerações passadas e que os fatos históricos não se anulam com a destruição dos documentos que os comprovam. Muito pelo contrário, essa destruição pode concorrer para desvirtuá-los e serem deturpados na sua realidade concreta.

Depois, não coube aos brasileiros, de fato, grande culpa na implantação da escravatura negra em nosso País.

Nós sofremos-lhe as consequências e fomos envolvidos no vendaval do tráfico negro como o foram todos os povos ocidentais do século XV ao século XIX.

Até hoje ainda não se escreveu nas suas minúcias a história da escravidão nas Américas. No entanto, as muitas achegas, observações e depoimentos aparecidos a respeito nos provam que aquela negregada instituição era fato normal e até perfeitamente jurídico naqueles tempos.

Aliás, antes de se dirigir para o novo Continente a caudal do tráfico escravista, já o velho mundo o vinha conhecendo e aceitando.

Tanto assim que em 1442 Antão Gonçalves obtinha autorização para trazer escravos para as ilhas pertencentes a Portugal.

Na América, o início da escravidão verificou-se em 1505, quando chegavam á ilha Espaniola, ou São Domingos, os primeiros negros, com a denominação de "peças da Índia".

Mas foi em 1517 que Carlos V, da Espanha, concedeu o privilégio inicial a comerciantes flamengos, para o tráfico de carne negra. E, por isso, a palavra traficante passou a ter sentido pejorativo.

Êsse privilégio foi transferido, após, a franceses, espanhóis e venezianos. Em 1696, o rei de Portugal conseguiu-o para a Real Companhia da Guiné, obrigando-se a transportar para as Américas 10.000 toneladas de negros, o que prova ser o escravo africano equiparado a simples mercadoria. Mas, dada a impossibilidade de calcular quantos negros representariam essa grande quantidade de toneladas, foi o contrato rescindido, passando o privilégio para a França, que só o manteve até 1713, quando ficou com êle a Inglaterra. Daí a 1807 pertenceu á Loura Albion o monopólio do tráfico de escravos em todo o Atlantico. Êsse tráfico foi desenvolvido ao máximo, bastando dizer que em Liverpool estavam registados como negreiros, em 1782, 132 navios, quando em 1739 seu número era apenas de 15.

Quantos homens de cor vieram para a América, e especialmente para o Brasil, durante o período do comércio de negros?

Não se conhece ao certo. Quanto a nós, a Circular de Rui Barbosa

teve apenas êsse fim: impossibilitar qualquer resultado mais ou menos exato.

Calógeras estima em 15 milhões, números redondos. Renato Medonça reduz a cifra para 7 milhões.

Históricamente, o que se sabe é que os primeiros escravos chegaram ao Brasil em 1538, numa nau pertencente a José Lopes Bixorda. João Ribeiro, em vaga referência, fala em pretos aqui aportados no ano de 1532. Mas Jaguaribe Filho, na sua obra "Os herdeiros de Caramuru", diz que os "negros do Bixorda foram as primeiras sementes que deveriam fecundar a superfície da América Portuguesa".

O comércio escravocrata crescia a olhos vistos, e Varnhagem declara que em 1583 já se contavam na Bahía 4.000 negros e em Pernambuco 2.000.

A forma de conduzir os pobres escravos, desde o comêço, foi sempre a mais horrenda imaginável. Frei Tomaz do Mercado, em 1569, descreve as cenas horripilantes do tráfico negro, que aumentava sempre, calculando-se que uns 30.000 africanos entravam anualmente em nosso País.

A prova disso é que no século XVIII, na Bahia, dizem existir 19 negros para um branco.

Atesta Melo Morais Filho, no livro "Ciganos no Brasil", que só em 1828 aqui entraram 450.601 escravos.

A lei de 7 de novembro de 1831 proibiu o tráfico negreiro em terras brasileiras, mas entre 1842 e 1851 foram importados, clandestinamente, 320.615 negros. Em 1864 o comércio ainda continuava muito animado, tanto assim que os inglêses apresaram embarcações vindas da África e que conduziam cêrca de 10.000 escravos. Aliás, os importadores eram ricaços brasileiros, que não se conformavam com a proibição, achando-se mesmo, entre êles, conselheiros, parlamentares e estadistas do Império.

Os historiadores cearenses não oferecem dados seguros sôbre a população negra na província. Apenas Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, no seu "Ensaio Estatístico da Província do Ceará", referente ao ano de 1860, computa os habitantes escravos em 35.314, assim distribuídos: Fortaleza, 2861; Maranguape, 2443; Soure, 286; Aquiraz, 474; Cascavel, 730; Aracati (na comarca), 4951; Icó, idem, 4069; Saboeiro, idem, 1278; Crato, idem, 2497; Jardim, idem, 829; Inhamuns, idem, 3201; Quixeramobim, idem, 2627; Baturité, 769; Imperatriz; 624; Sobral, idem, 5964; Ipú, idem, 807; Viçosa, idem, 224; Granja, idem, 1080. Depois da sêca de 77 devem ter ficado reduzidissimos.

Em 1888, no dia da abolição da escravatura, os negros escravos somavam uns 720.000 em todo o País.

Predominaram, na importação da gente africana para o trabalho servil entre nós, os sudanêses e os bantus. Os bantus foram encaminhados para Pernambuco e Rio de Janeiro. Os sudanêses para a Bahia.

No tocante ás tribos africanas povoadoras do Brasil, de norte a sul, não se chegou até hoje, nem se chegará jamais, a uma especificação correta. Nina Rodrigues e Artur Ramos têm trazido muita luz para o caso. Segundo êles, dos sudanêses, desembarcados na Bahia, e mais tarde espalhados noutros pontos do Brasil, constavam iorubanos ou nagôs, os gêges, os minas, os haussás, os tapas, os bornus e os grucis ou galinhas. Além dêsses vieram os fulas e os mandês, de origem bérbere etiópica e influên-

cia maometana. Nos bantus, introduzidos em Pernambuco, depois estendidos até Alagoas e estado do Rio, Minas e São Paulo, Maranhão e litoral paraense, encontravam-se os angolas, os congos ou cabindas, os benguelas, os macuás e angicos de Moçambique.

Como não havia a preocupação de origem étnica dos negros, os documentos da época limitam-se a denominá-los pelo lugar de origem. E por isso é que Manuel Querino, no seu livro "Costumes Africanos no Brasil", ao referir-se aos cabindas, benins, gêges, savarus, maquis, mendobis, cotoparis, daxas, angola, moçambiques, tapas, filanis, egbás, iorubás, efons, congos, galinhas, haussás, minas, nagôs, etc., diz que os nomes citados apenas indicam localidades de nascimento.

Relativamente á índole, caráter, vida psicológica dêsses povoadores do Brasil, é interessante notar as opiniões que deles tinham os seus contemporaneos. Henrique Dias, ao fazer o elogio dos seus soldados, sustentava o seguinte: "De quatro nações se compõe êsse regimento: minas, ardas, angolas e crioulos; êstes tão malévolos, que não temem nem devem; os minas, tão bravos que, aonde não podem chegar o braço, chegam com o nome; os ardas, tão fogosos, que tudo querem cortar de um só golpe; e os angolas, tão robustos, que nenhum trabalho os cansa".

Mas a opinião geral era diferente. Assim, os benguelas eram considerados boçais, porém dóceis e excelentes para os trabalhos da lavoura; os quissamas e cabindas, sensuais e afetivos; os gabões e moçambiques, ladrões e preguiçosos. A' raça bérbere pertenciam as famosas baianas, sedução dos portuguêses, pelas roupagens, traços corretos, nariz aquilino, boca mediana, linhas graciosas.

No tocante á vida do africano no Brasil, o que menos ha impressionado é a influência por êle exercida em nosso modo de falar. Temos desprezado grandemente êsse aspecto do papel do negro em nossa terra, e, no entanto, não deve ser êle dispiciendo. Não quero referir-me ao contributo vocabular, propriamente dito, que é bem grande, apesar de Antenor Nascente o ter fixado em 47 palavras. E' certo que os indigenas trouxeram muito maior cópia de vocábulos para o português do Brasil. E isso porque concorreram para a denominação de quase todos os acidentes geográficos, bem como de animais e árvores da terra. Como diz Mário Marroquim, "com a vida prêsa á dependência do engenho ou da lavoura, pela própria condição social, não podiam os negros ligar sua língua á nomenclatura geográfica".

Mas tanto o quibundo como o nagô e até o mina, falados pelos escravos, deixaram traços bem marcantes na linguagem nacional.

Podiamos citar facilmente os vocábulos *angu, anguzô, angola, aluá, batuque, birimbau, banguê, bunda, banzé, budum, cafuné, cachimbo, cambada, calunga, camondongo, ganzá, giló, gingar, cafanga, cachaça, caçuá, cafuá, calango, cangerê, capeta, carimbo, chicana, curinga, dendê, dengue, fubá, fuzuê, garapa, ganga, inhame, lundú, macacôa, mandinga, marimba, moleque, maxixe, moamba, mucambo, mucama, mondrongo, missanga, muxoxo, moxinifada, mulambo, pito, patuá, quibêbe, quitute, quitanda, quisila, quiabo, samba, senzala, tanga, titica, tutu, vatapá, xuxu, iaiá, ioiô, zabumba, zagaia,* etc. Há também adjetivos, como *capiongo, cafuçu, fulo, buzuntão, banguelo, cambaio, dunga, bocó, granzanzá, cutuba, cassange, caçula, zoró, capenga, bamba, etc.*.

Além disso, influiu muitíssimo o linguajar negro na pronúncia do idioma português entre nós. Isso prova exuberantemente Renato Mendonça no seu "O Português do Brasil".

Temos, por exemplo, a despalatização do fonema línguo-palatar LH, mudado na vogal i: *muié, cuié, véio, mió, foia, orguio, fio, baruio, etc.*

A assimilação do J ao Z, como *Zuzé, Zezus, Zuca,* e do G em Z, como *zinebra, rezisto, cazá, etc.*

A queda do R nos grupos consonantais de pronúncia difícil, como *nego, alegue,* etc..

As violentas aféreses em *tô, ocê, cabou-se, Bastião.*

As apócopes do L e R finais, como *generá, cafezá, mé, dizê, comê,* etc.

A extensão da pronúncia, com a intercalação de sílaba, como *Quelemente, Cularindo, fulô, Siliveira,* etc.

Redução dos ditongos EI e OU, como *chêro, pêxe, bêjo, quêjo, fejão, dêxe,* etc. *côve, lôco, côro, tesôro,* etc.

A subtração do S do plural nos nomes e sua conservação no artigo: *as hora, os caminho, as casa,* e até nos ajuntos predicativos: *as criança tão boa.*

Quando a palavra seguinte ao artigo no plural começa por vogal ou *h* mudo, o *s* do artigo liga-se a essa palavra: o *zóio,* passando então a palavra a figurar com o *s* que toma o som de *z*: *qui zóio!* O mesmo se dá com palavra embora,depois do verbo ir: *vamo zimbora.*

A terminação AM da 3.ª pessôa do perfeito soa como *o* surdo: *amaro, fizero, mandaro,* etc.

O gerundio perde o D: *andano, pono, caino,* etc..

Também é resultado da influência do negro em nosso idioma a tendência para os diminuitivos carinhosos. Seja no tratamento familiar, como *ioiô, iaiá, siá, siô, nhá, nhô,* seja na conversa com a criançada, donde ainda hoje empregarmos *cacá, pipi, nenê, tatá, mimi, côcô, dindim, babá,* etc.

Muitas palavras que usamos sem a preocupação do diminuitivo, trazem, no entanto, a origem de coisa pequena, em virtude do prefixo CA, na língua nagô, como em calunga (bonequinho), caçula (filho menor), calombo (tumor pequeno), cacimba (poço pequeno), carimbo (sinal pequeno).

Outra forte influência do negro na fraseologia brasileira diz respeito á colocação dos pronomes e á transformação de pronomes átonos em tônicos. Leite de Vasconcelos e Gonçalves Viana isso notam. Por isso é que dizemos *mi dê, Vou lhi pedir um favor, êle si sentou,* etc.

Já vai longe êste cavaco, aliás feito desengonçadamente e apenas com o intuito de pedir a atenção dos ilustres confrades para o papel que o negro exerceu e continua exercendo na estruturação da vida nacional. Temos, nesse vasto e tão pouco revolvido material, vários problemas a resolver, como seja o problema antropogeográfico, o problema etnográfico, o problema biológico, o problema da mestiçagem, o problema linguístico e o problema sociológico.

Como diz Artur Ramos, em cada um dêsses setores há estudos interessantes já realizados mas dispersos, fragmentários, tateantes e provisórios. Por que, então, deixarmos que êles se continuem perdendo na poeira dos arquivos ou na voragem das traças?

Aqui, no Ceará, muito pouco se há escrito a respeito da influência

dos melanodérmicos na vida local. Não se deve isso atribuir ao acentuado preconceito da raça entre nós existente? O cearense não gosta do negro. Não o tolera. Há mesmo aforismos a êsse respeito. Quem sabe se não vem daí o silêncio intencional a respeito do assunto?

No entanto, ninguém pode negar a influência pelo menos psicológica do negro em toda a América. Isso mesmo disse Jung, em conferência pronunciada em 1927: "O que logo me feriu a atenção foi a grande influência dos negros, influência psicológica, sem mistura de sangue, naturalmente. E' nos suplementos cômicos das folhas americanas que se pode estudar melhor a exteriorização emocional do americano: em primeiro lugar seu riso; encontra-se a forma primitiva do riso inimitável de Roosevelt no negro da América. Êste andar todo especial, de articulações relativamente frouxas, quadris ondulantes, que se observa particularmente nas americanas, vem dos negros. A música americana tirou sua inspiração principal dos negros; a dansa é uma dansa negra. As manifestações do sentimento religioso, os "revival meetings", os "holly rollers" e outras estranhezas são fortemente influenciadas pelos negros; e pode-se facilmente comparar a famosa ingenuidade americana, em suas formas encantadoras tanto quanto em suas manifestações menos agradáveis, á puerilidade do negro. O temperamento em geral muito vivo, que se manifesta não somente no jogo da bola, mas sobretudo no prazer extraordinário que se toma á expressão verbal e cujo exemplo mais frisante é a onda de incessante palavrório dos jornais americanos, pode dificilmente provir dos antepassados germanicos e assemelha-se antes á *bavardage* da aldeia negra. A falta quase absoluta de acanhamento, a enorme sociabilidade que absorve tudo, lembram a vida primitiva em suas choças abertas, na identidade completa de todos os companheiros do clã. Pareceu-me que as portas de todas as casas americanas estavam continuamente abertas, da mesma forma que nas cidades do campo não ha separação entre jardins. Tem-se a impressão de se estar na rua em toda parte. E' naturalmente dificil determinar no pormenor o que é preciso pôr á conta da simbiose com o negro e o que deva ser atribuido á circunstancia de ser a América uma nação de peoneiros num solo ainda virgem. Mas, no conjunto, a influência do negro sôbre o caráter geral do povo é inegável".

Meditemos nesta página e procuremos estudar um pouco a nossa divida para com o elemento negro, que nos deu os alimentos com o seu braço, com o seu suór, com o seu sangue ou com o seu leite.